



**O PERFIL DAS LOJAS DE ARTESANATO DA REGIÃO CENTRAL DA CIDADE DE
DIAMANTINA –MG**

**THE PROFILE OF HANDICRAFTS SHOPS OF THE CENTRAL REGION OF THE
CITY OF DIAMANTINA-MG**

Helena Fernandes Pinto¹
Amariles Cristina Baracho²
Matheus Becatini de Castro³
Idielly Barbosa Grisante⁴
Tacila Nunes da Conceição⁵
Diego Mendes Soares⁶
Donizete dos Santos Silva⁷
Ernani Augustinho Rodrigues Martins⁸
Geruza de Fátima Tomé Sabino⁹

RESUMO

Este artigo é resultado de um projeto de ensino e pesquisa realizado por estudantes da disciplina de Administração do curso de Sistemas de Informação de uma universidade federal em Minas Gerais, cujo objetivo foi traçar um perfil das lojas de artesanato da região central da cidade de Diamantina-MG. A pesquisa de natureza quantitativa possui abordagem qualitativa em suas análises e, quanto ao objeto de estudo, a investigação ocorreu por meio de amostragem não probabilística, oferecendo ótimas estimativas da população estudada.

Palavras-chave: gestão, artesanato, empreendimentos, renda, Diamantina;

ABSTRACT

This article is the result of a teaching and research project carried out by students of the Management discipline of a federal university in Minas Gerais, whose objective was to draw a profile of the handicraft shops of the central region of the city of Diamantina-MG. The research of quantitative nature has a qualitative approach in its analyzes and, as far as the

¹ Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM-geruzaft@hotmail.com

² Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM -amarilesbaracho@yahoo.com.br

³ Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM- matheusbecatinic@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM -bindielly@gmail.com

⁵ Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM -tacila29gmail.com

⁶ Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM- diegomsoares@bol.com.br

⁷ Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM -donizetesantoss@gmail.com

⁸ Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM -naninmartins@gmail.com

⁹ Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM -geruzaft@hotmail.com

object of study, the investigation occurred by means of non-probabilistic sampling, offering excellent estimates of the studied population.

Keywords: *management, handicraft, enterprises, income, Diamantina*

INTRODUÇÃO

Este artigo visa apresentar os resultados da pesquisa realizada pelos estudantes de graduação da disciplina de Administração II, no período de julho a setembro de 2017, do curso de Sistemas de Informação de uma universidade federal, no estado de Minas Gerais, apresentando o perfil das lojas de artesanato da região central da cidade de Diamantina - MG. A exemplo do que foi realizado nos primeiro e segundo semestres do ano de 2016, no qual estudantes do mesmo curso e disciplina, realizaram pesquisas elaborando perfis de trabalhadores e gestores dos microempreendedores individuais – MEI do setor de bares, restaurantes, lanchonetes e similares da região central de Diamantina-MG, o objetivo da pesquisa ora apresentada é traçar o perfil destes empreendimentos que comercializam o artesanato local.

A justificativa para o recorte da região central se deve ao fato de ser um ponto turístico e abarcar a maior parte dos estabelecimentos dessa natureza. Também se considerou os custos e o curto espaço de tempo disponível para a pesquisa, sendo necessário respeitar o semestre letivo para execução da disciplina de Administração II, da qual o projeto se originou. Foram convidados a participar da pesquisa treze (13) estabelecimentos, dos quais dez (10) aceitaram participar e três (3) não se obteve retorno sobre a participação. Destes, dez (10) trabalhadores, entre proprietários e funcionários, responderam aos questionários.

A pesquisa é parte integrante do projeto de extensão “Observatório do Trabalho e do Trabalhador de Diamantina– OTTD”, um site ainda em construção, que se ocupará da divulgação e debate das formas, condições e relações de trabalho diagnosticadas na cidade e, que deverá abranger outras localidades e distritos que fazem parte da região do Alto Jequitinhonha. O site contará, semestralmente, com novas publicações científicas, em formato de revista digital sobre o objeto mencionado, desenvolvidas por estudantes da disciplina de Administração II, do curso de Sistemas de Informação. Estes estudantes estão em contato com teorias administrativas que visam apoiar o desenvolvimento de habilidades técnicas, humanas e conceituais para o aprimoramento do processo da tomada de decisão gerencial, tais como: planejamento, organização, direção, execução e controle. Os mesmos são os responsáveis pela

pesquisa de campo, obtenção de informações, tabulação e análise dos dados, elaboração e edição da revista eletrônica.

Ao receberem a incumbência de terem que levantar dados quantitativos e, por meio destes, realizarem análises qualitativas sobre a realidade social local, sem a pretensão de esgotar o assunto, espera-se proporcionar, ao estudante da disciplina, um ambiente no qual as estratégias para a produção do conhecimento sejam dialógicas, e que os coloquem em contato direto com a realidade vivida, constituída por trabalhadores, micro, pequenos e médios empreendedores. Espera-se que os estudantes testem suas habilidades adquiridas de maneira crítica, refletindo a sua formação e as possibilidades históricas efetivas do exercício da cidadania. Além disso, promovem a difusão dos resultados obtidos por meio da revista, que também terá a sua versão impressa, para que seja entregue em mãos aos participantes da pesquisa, especialmente àqueles que não possuem acesso à internet. Todo esse processo supervisionado pela docente responsável pela disciplina.

PROBLEMATIZAÇÃO, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E JUSTIFICATIVA PARA A PESQUISA

Artesanato é o produto resultante da transformação da matéria-prima, com predominância manual, por um indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas previamente conceituadas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural, podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios (BRASIL, 2012, p. 11) . Digby (2007) enfatiza que esta atividade, oriunda da execução das mãos, deve ser feita com sensibilidade, perícia e cuidado.

De acordo com alguns autores, (ILLUSTRATUS, 2010; apud COSTA, 2012), os primeiros artesãos surgiram no período neolítico (6.000 a.C) quando o homem aprendeu a polir a pedra, a fabricar a cerâmica e a tecer fibras de origem animal e vegetal. No Brasil, o artesanato também surgiu neste período. Os índios são considerados os mais antigos artesãos. Eles utilizavam a arte da pintura, usando pigmentos naturais, a cestaria e a cerâmica, sem esquecer a arte plumária como os cocares, tangas e outras peças de vestuário feitos com penas e plumas de aves.

Segundo Pereira (1991), o artesanato surge com a necessidade do homem de suprir necessidades físicas e espirituais, indo desde a simples cerâmica para cozinhar alimentos até sofisticados adornos rituais. E embora essas necessidades sejam comuns a quase todos os

povos, suas soluções e formas variam muito, conforme a influência da configuração geo-ambiental sobre as comunidades residentes e a especificidade de suas culturas (DAMANTE, 1980; MEGALE, 2003; SILVA e VIDAL, 1995; VERGARA e SILVA, 2007; apud HEMZO et al, 2011).

O artesanato pode ser erudito, popular e folclórico, podendo ser manifestado de várias formas como, nas cerâmicas e peças de barro utilitário, trançados e tecidos de fibras vegetais e animais (sedenho), renda, entalhando a madeira, esculturas, crochê, cestas e trançados, artesanato indígena, dentre outros. O artesanato brasileiro é um dos mais ricos do mundo e garante o sustento de muitas famílias e comunidades. Moraes (2010) conclui que o artesanato eleva o potencial de geração de renda no Brasil. Tal área se posiciona como promotora de um desenvolvimento territorial, ganhando assim notoriedade econômica tanto no setor privado como no público. A procura pela originalidade e diferenciação, faz com que o artesanato entrave o caminho contrário a uniformização de produtos globalizados, resgatando a identidade regional e cultural.

O Vale do Jequitinhonha é uma região, localizada basicamente no nordeste do estado de Minas Gerais, contando com 79 mil km², uma população de aproximadamente 980 mil habitantes, composto por 74 municípios. Embora constituído de riqueza cultural e ambiental, o Vale do Jequitinhonha, apresenta uma infraestrutura sócio geográfica com elevados índices de pobreza e desnutrição, sendo assim considerada como uma região “deprimida”. Ribeiro (1996) conclui que a pobreza e miséria são fatores inerentes aos últimos séculos da sua povoação. Afirma que em meados do século XVIII, o Vale era uma região muito rica em recursos minerais. A pobreza começa a apresentar indícios a partir da segunda metade do século XX. Oliveira (2007) expõe que o artesanato estimula um Desenvolvimento Local, de forma que potencializa a inserção de áreas estagnadas ou subdesenvolvidas, procurando assim possibilitar o fortalecimento da autoestima dos chamados “excluídos”.

A produção artesanal proveniente do Vale, que engloba o alto, médio e baixo Jequitinhonha, caracterizado pelo mapeamento realizado pela Codevale (1970, p. 117 - 118, apud RAMALHO, 2010, p. 45), identificaram as atividades de tecelagem, tanoaria, latoaria, ourivesaria, trabalho com couro, pedra e produtos vegetais. Também se constatou que a produção se acentua nos municípios de Berilo, Chapada do Norte, Diamantina, Minas Novas, Rio Pardo, Rubim e Virgem da Lapa.

De acordo com Santos (2004), apesar da atuação de várias cidades no processo artesanal, a atividade possui decréscimo, visto que a geração mais nova não possui

interesse em aprender sobre esse tipo de arte, o que ameaça a continuidade do artesanato local. A cidade de Diamantina apresenta um artesanato variado. Em seus distritos, são produzidos vários tipos de produtos: em Planalto de Minas são feitos artesanatos de palha utilizando a palha do milho como material, no povoado de Galheiros são feitos artesanatos de Sempre-Vivas, os artesãos atuam desde o processo de colheita da planta até o acabamento do produto final. Há também, em Diamantina, a fabricação de oratórios feitos de diversos materiais que é muito popular devido a tradição católica, o Tapete Arraiolo, um bordado de origem portuguesa, os bordados em ponto cruz que são uma tradição de origem europeia passados de geração em geração, e por fim, o artesanato de capim que produz peças decorativas e de utilidade geral.

Tendo em vista este panorama, a justificativa para a realização da presente pesquisa possui vertentes socioeconômica e acadêmica definidas. No que diz respeito a primeira vertente, a pesquisa apoia-se nos estudos da Coordenadoria Regional de Meio Ambiente das Bacias dos Rios Jequitinhonha e Mucuri, que identificou que com a proibição do garimpo a cerca de vinte e sete (27) anos por questões ambientais, a economia da região foi severamente afetada passando assim, o artesanato, a integrar de forma mais consistente a renda familiar. De acordo com Ramalho (2010) o artesanato realizado no Vale do Jequitinhonha é uma das atividades culturais que contribuem economicamente para a comunidade de artesãos. Em sua pesquisa, a autora relatou que as feiras eram compostas por artesãos que vendiam seu próprio trabalho e atravessadores que realizavam a revenda de peças. Os artesãos do Vale também participam de feiras de renome e que possuem relevância, alcançando assim não só o público da região.

Ainda de acordo com a trabalho realizado pela Codevale (1970, p. 116, apud RAMALHO, 2010, p. 44) o artesanato é atividade anterior a industrial e que não depende exclusivamente de uma infraestrutura, e deve ser incentivado para beneficiar a força de trabalho, já que possui matérias-primas encontradas na região por baixo ou nenhum custo. E por se tratar de uma atividade que gera renda por um curto período, deve receber incentivos tais como: o intercâmbio de técnicas e processos entre produtores fortalecendo a potencialidade individual; fomentar os processos criativos e de tecnologia; estimular a fixação do homem na região; e cuidar de instalação de centros de artesanato.

A segunda vertente se baseia no processo de investigação científica, pois é preciso considerar que, ao proporcionar ambiente no qual o estudante possui oportunidade de lidar com a realidade vivida, a partir de uma linguagem sistematizada, cujos procedimentos

metodológicos lhe concede oportunidade de reflexão crítica e possibilidades de intervenção social, este amplia o seu campo de visão e a percepção sobre a atuação profissional na cidade. Diamantina, deixa de estar posicionada na mente do estudante apenas como uma cidade universitária, uma etapa transitória da construção da vida profissional, e passa ser considerada um *locus* inexplorado de oportunidades de trabalho e negócios.

Do mesmo modo, a realização de estudos e a descoberta dos perfis dos empreendimentos que trabalham essencialmente com peças artesanais, concede ao estudante uma percepção a cerca da dinâmica do trabalho e do mercado deste setor.

RECORTE DA ÁREA DE PESQUISA

Primeiramente, tentou-se definir o espaço amostral das lojas que participaram da pesquisa, buscando informações, junto a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo - SECTUR, sobre associações específicas, órgãos reguladores ou organizações relacionadas ao artesanato Diamantinense. Foi disponibilizado à equipe do projeto, uma lista desses empreendimentos pela SECTUR, a qual verificou-se estar desatualizada. Assim, realizou-se uma busca *in loco* aos estabelecimentos para validar àqueles que ainda permanecem em funcionamento, chegando a um total de treze (13) empreendimentos cotejados.

O recorte da área trabalhada foi feita a partir do endereço das lojas listadas pela SECTUR, verificando que a maior parte dos empreendimentos encontram-se na região central da cidade de Diamantina-MG.

Figura 1 – Recorte da área de pesquisa

A lista precisou ser validada pelos membros da equipe, que tiveram que conferir os endereços *in loco* dos estabelecimentos para se certificarem de que estavam em funcionamento. Assim de um universo de treze (13) lojas identificadas, foram validadas para participar da pesquisa dez (10) lojas de artesanato.

A pesquisa também se classifica como descritiva, pois segundo (Gil, 2002), esta técnica descreve as características de determinada população ou fenômeno cujos resultados devem servir de base para futuras explicações. Tem como objetivo observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os fatos sem que haja influência do pesquisador sobre ele.

O elemento quantitativo da pesquisa se dá, de acordo com Richardson (1999, apud OLIVEIRA, 2011, p.26) pela quantificação na coleta de informações e pelo tratamento estatístico das análises. Assim os resultados das amostras são quantificados e generalizados. Os dados gerados após a realização dos levantamentos subsidiaram as análises qualitativas posteriores.

“[...] a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências. [...]”(OLIVEIRA, 2011, p.25).

As técnicas de coletas de dados ocorreram por meio da pesquisa bibliográfica e questionário. De acordo com (GIL, 2007) a investigação bibliográfica consiste no levantamento de informações do assunto em estudo, publicado anteriormente. Fonseca (2002) complementa que a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. O objetivo é levantar o debate teórico atual sobre o tema, o que foi identificado que, com relação ao artesanato, em especial o artesanato dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, as pesquisas ainda são muito incipientes e difíceis de serem encontradas.

A outra técnica empregada, o questionário, compõe-se de questões que tem por objetivo propiciar determinado conhecimento ao pesquisador. Santos, (1999) detalha que esta ferramenta busca informação diretamente com um grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter, demonstrando ser um procedimento útil que se adéqua ao propósito inicialmente traçado. Assim, foi elaborado o questionário, decidida a técnica de aplicação, que

foi presencial, a tabulação dos dados e finalmente análise e interpretação do material, com o apoio da estatística descritiva. Essa técnica, que expõe informações organizadas, a partir de um conjunto de dados, em sínteses com apoio de gráficos e tabelas, facilitam as análises e possíveis resoluções de problemas (MAGALHÃES, 2009). Neste artigo os métodos gráficos e tabulares foram aplicados para a reunião dos dados amostrais, possibilitando a melhor compreensão e visualização das informações alcançadas.

ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

Pode se considerar que o mercado de artesanato, da região central de Diamantina, é tradicional visto que existem lojas com até sessenta (60) anos de existência, que foi cenário de novelas, documentários e, por outro lado, articula nesse espaço, lojas recém inauguradas, com apenas um ano de existência. Excluindo-se a mais antiga e a mais recente, pode-se afirmar que a média de tempo de existência das lojas pesquisadas fica em torno de vinte e cinco (25) anos.

Percebe-se que quarenta por cento (40%) das lojas, além de trabalharem com o artesanato procuram redimensionar a sua renda com outros tipos de produtos. Na pesquisa, foram encontradas lojas que possuem em seu mostruário joia, variedades de calçados, além de roupas do cotidiano como calças e blusas industrializadas.

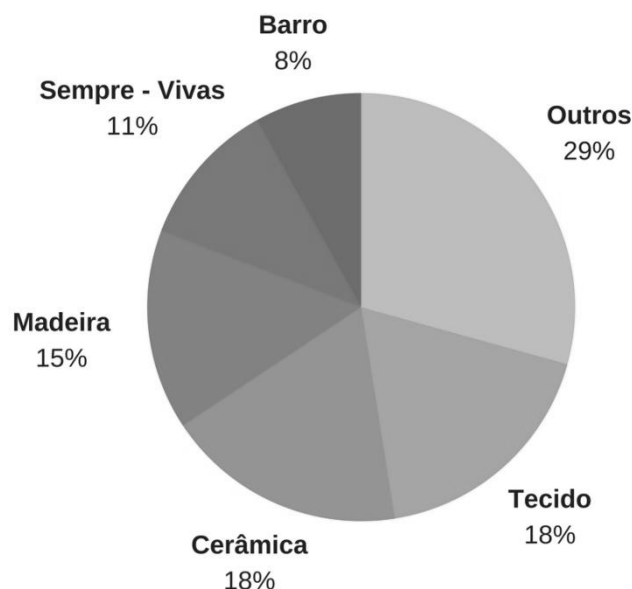
Em média sessenta por cento (60%) dos proprietários dos estabelecimentos disseram-se artesãos. Notou-se também, que os proprietários em sua maioria possuem conhecimento tanto técnico como prático daquele tipo de produto que comercializam.

Evidencia-se que sessenta por cento (60%) das peças artesanais são produções próprias e quarenta por cento (40%) advindas de outras localidades. Apesar de tradicional, atualmente, no comércio artesanal de Diamantina, pode-se encontrar uma variedade de trabalhos advindos de outras regiões, além das produções próprias. Boa parte de produtos são oriundos de cidades como Araçuaí, Turmalina e Belo Horizonte. Diamantina por se caracterizar como cidade turística, pode ser considerada um polo importante de comercialização dos artesanatos do Alto e Médio e Baixo Jequitinhonha, facilitando, divulgando e promovendo os vários tipos de produtos.

Como mencionado, o mercado de artesanato em Diamantina possui variados tipos de artesanatos, mas os trabalhos feitos com cerâmicas e tecidos são os tipos mais comercializados na região. Importante destacar no gráfico o que está caracterizado como

“Outros” com vinte e nove por cento (29%). Significa os tipos de artesanatos que foram citados uma única vez, ou seja, não aparecem em todos os empreendimentos, mas que evidencia a variedade de peças que podem ser encontradas na cidade.

Gráfico 1: Distribuição dos tipos de artesanatos comercializados, ano 2017.



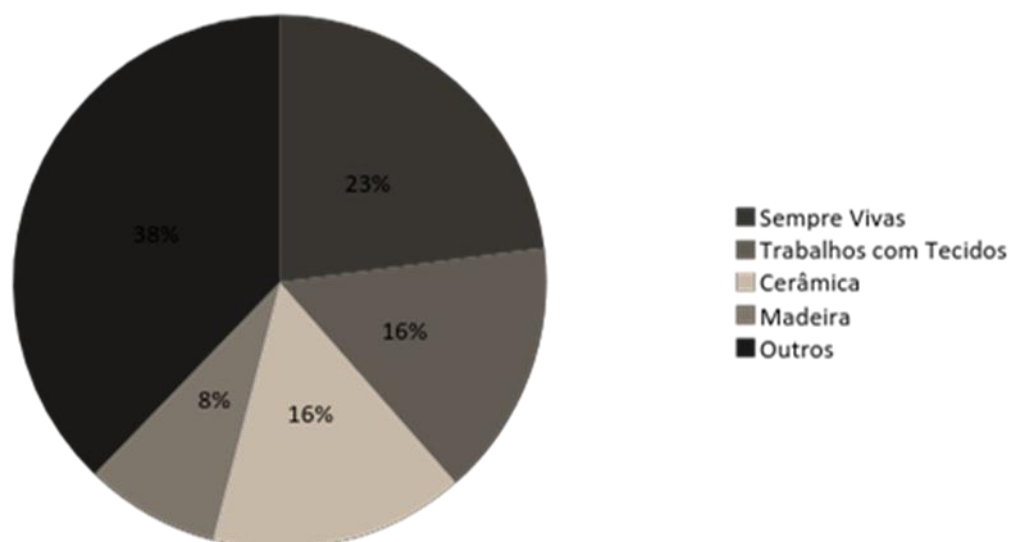
Fonte: (Autoria própria)

Embora haja uma oferta predominante de trabalhos artesanais feitos com tecidos e cerâmicas, as peças que possuem maior demanda são aquelas produzidas com Sempre Vivas. Este fato pode ser explicado pelo fato de Diamantina ser considerada um dos maiores centros de diversidade biológica do Brasil, com vários parques estaduais em seu entorno, devido ao seu alto grau de endemismos, ou seja, da existência de diversas espécies que só ocorrem nesta região, como o caso das Sempre Vivas e Capim Dourado. De acordo com o Instituto Estrada Real, a Sempre Vivas, planta característica do cerrado, é aproveitada no município para a produção de artesanato por intermédio de um projeto solidário de geração de renda, que também ajuda a preservar algumas espécies da planta que estavam ameaçadas de extinção por conta da exploração predatória. O trabalho é desenvolvido pela Associação de Artesãos Sempre Viva, do distrito de Galheiros, que é composto, na grande maioria por mulheres. Elas representam vinte (20) dos vinte e nove (29) associados, segundo o jornal Estado de Minas ¹⁰.

¹⁰ Vida digna a partir da Sempre – Viva. Estado de Minas, edição de 31 de Agosto de 2016.

Assim, pode-se afirmar que a atuação desses artesãos no extrativismo vegetal, a partir de técnicas de manejo sustentáveis, advindas da sabedoria popular e repassadas de geração a geração, tem contribuído significativamente para a preservação ambiental destes locais. Novamente, destaca-se no gráfico o que está caracterizado como “Outros” trinta e oito por cento (38%) que significa os tipos de artesanatos mais vendidos que foram citados uma única vez, ou seja, não aparecem em todos os empreendimentos.

Gráfico 2: Distribuição dos tipos de artesanatos mais vendidos em Diamantina, ano 2017



Fonte: (Autoria própria)

Constatou-se que a maior parte da produção artesanal provém do Vale, Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. Esse fato ainda é corroborado com o mapeamento realizado pela Codevale (1970, p. 117 - 118, apud RAMALHO, 2010, p. 45), que afirmava que a maior parte da produção artesanal era proveniente do Vale, visto que alguns materiais como a cerâmica, por exemplo, não são encontradas na região de Diamantina. Ressalta-se que os quatorze por cento (14%) identificados como “não recebe” no gráfico abaixo, significa a quantidade de empreendimentos que trabalham somente com o próprio artesanato.

Gráfico 3: Distribuição da região dos fornecedores de artesanatos para as lojas do centro de Diamantina, ano 2017.

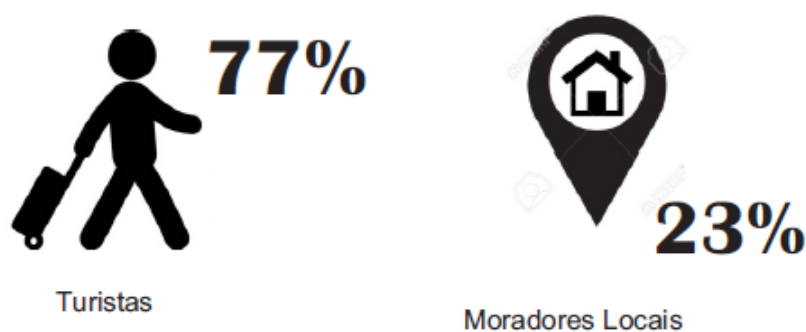


Fonte: (Autoria própria)

Os comerciantes, em sua totalidade, confirmaram a importância do fomento ao turismo, e da vinda de turistas para obter-se uma dinâmica positiva na economia artesanal na cidade e região. Diamantina além de reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade,

conta com um calendário cultural vasto, com as conhecidíssimas Vesperatas, Festivais, Concursos Culturais e Gastronômicos. Tal dinâmica turística cria um mercado aquecido para as vendas de produtos artesanais.

Gráfico 4: Distribuição dos Perfis dos Clientes das lojas de artesanato, ano 2017.



Fonte: (autoria própria)

As lojas, em sua maioria, oitenta por cento (80%), não fornecem seus produtos para revenda, limitando o seu comércio somente ao varejo, o seu estoque acaba destinado ao comércio turístico local. Pode-se dizer, que a natureza do negócio, essencialmente manual e, portanto de baixa padronização, tanto em processos como em produtos, inviabiliza uma produção em maior escala para atender a outros mercados.

Constatou-se também, que em quase sua totalidade o número de funcionários das lojas pertencem ao gênero feminino, dezoito (18) mulheres, contra um homem, fato que corrobora com dados de pesquisas anteriores indicando que a prática do artesanato em sua grande maioria é feita por mulheres¹¹. A idade dos funcionários varia de dezoito (18) até mais de sessenta anos (60), o que demonstra que o setor, embora caracterizado como tradicional, é capaz de articular e empregar diversas gerações.

Cerca de noventa e quatro (94%) dos funcionários são artesãos. Isso porque, o proprietário, artesão, acaba ensinando aos seus funcionários algumas técnicas que contribuem para aumentar a reposição de determinadas peças que foram vendidas.

A pesquisa também evidencia que cinquenta por cento (50%) dos funcionários e artesãos possui ensino médio completo e cem por cento (100%) dos entrevistados possuem

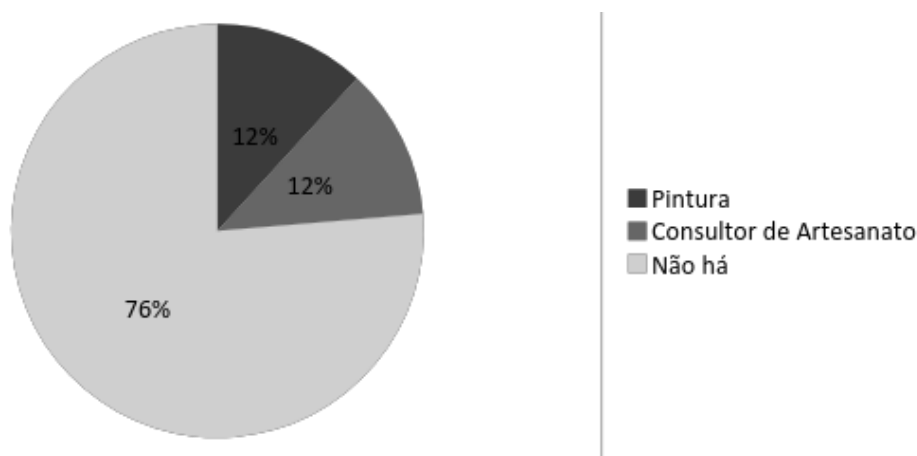
¹¹ Fonte: http://actcientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT1/GT1_RibasBernardesTomeSabino.pdf. Acesso em: 18 ago 2017.

pelo menos o ensino fundamental completo. Em contrapartida, não foi encontrado nenhuma pessoa com ensino superior completo, apenas estudantes em curso, quinze por cento (15%) visto que a cidade de Diamantina é sede de um campus universitário.

Com relação a média salarial dos funcionários, verificou-se que os salários são baixos. Foram encontradas pessoas que recebiam menos que um salário mínimo, 67% do total, e que, neste caso, a atividade funciona como um complemento significativo da renda. Trinta e três por cento (33%), percebem remunerações entre um a dois salários mínimos.

Setenta e seis por cento (76%), das lojas, não possuem nenhum artesão ou funcionário com qualificação formal específica para controlar a qualidade do acabamento das peças artesanais ou desenvolver designs inovadores. Isto é feito com base nos conhecimentos aprendidos, repassados de geração em geração.

Gráfico 5: Distribuição das qualificações técnicas dos funcionários.



Fonte: (Autoria própria)

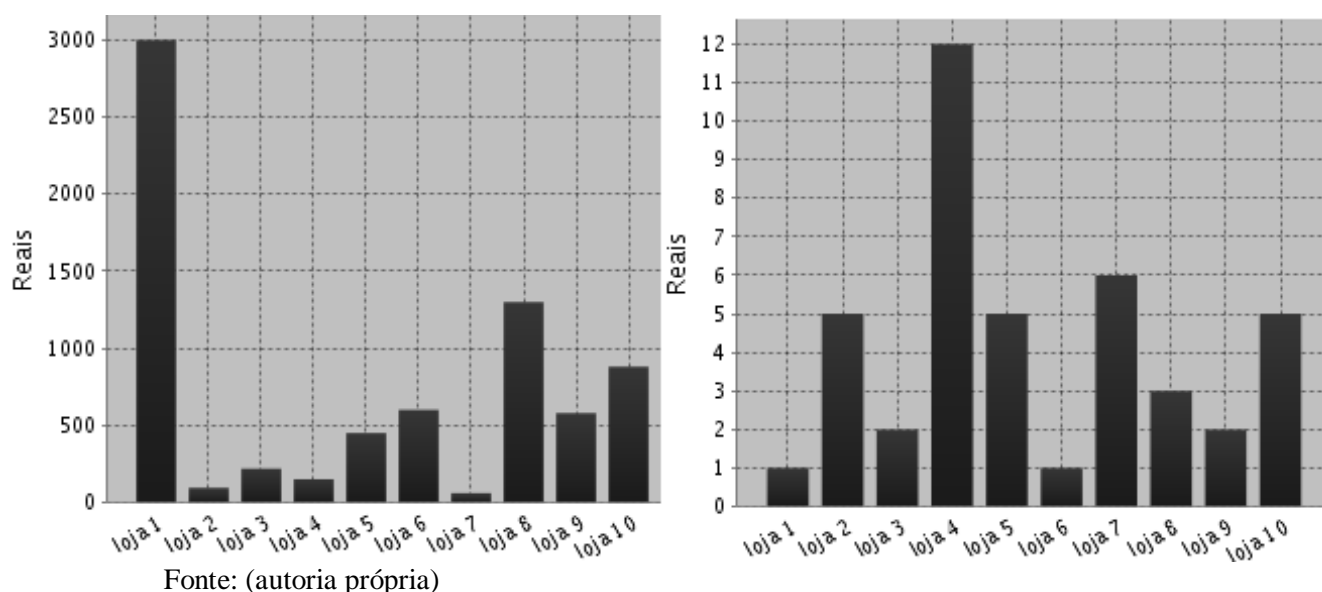
Tomando como base as empresas da categoria MEI (Microempreendedor Individual) para criar a escala de rendimento anual, obtemos que a grande maioria dos empreendimentos se encaixa no rendimento do MEI, com algumas poucas exceções. Mas vale ressaltar que as lojas que possuem um rendimento anual maior que vinte e quatro mil reais (R\$ 24 mil) não trabalham exclusivamente com artesanato e somente estas pagam aluguel pelo estabelecimento, sendo encontrados aluguéis de mil reais (R\$ 1.000,00) até três mil reais (R\$ 3.000,00). Verificou-se que o número de pontos comerciais, próprios ou alugados, estão equilibrados, lembrando que as lojas que trabalham exclusivamente com produtos artesanais possuem a propriedade dos estabelecimentos.

Conforme observado na maioria dos questionários, praticamente todas as lojas não

recebem fomento, ajuda ou incentivo por parte de algum poder público ou associação. Sendo assim, a construção do comércio artesanal na cidade dá-se basicamente pelo fomento da iniciativa privada. Mesmo sendo uma cidade histórica, com grande atrativo turístico, foi relatado, por praticamente todas as lojas, o pouco investimento e valorização da cultura artesanal local, não existindo uma política pública intensiva e conhecida que apoie este setor na cidade. Somente um empreendimento relatou a existência de uma organização associativa que fomenta o artesanato em seu espaço, que foi identificada pela pesquisa dentro da Secretaria de Cultura e Turismo. Por este motivo, foi dedicado uma seção, neste artigo, sobre a associação mencionada, em virtude da sua caracterização específica e diferenciada. Foi gravada uma entrevista com a responsável pela loja, que assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que posteriormente, pudesse ser transcrita e analisada.

Observou-se também que as lojas apresentam peças cujos valores de venda vão desde um real (R\$1,00) até três mil reais (R\$ 3000,00), revelando-se verdadeiras obras de arte, e reflexo da riqueza e grande variedade de tipos de artesanato presentes nos Vales do Jequitinhonha.

Gráfico 6: produtos de valor máximo e mínimo encontrados nas lojas de artesanato do centro do município de Diamantina, ano 2017



ASSART Diamantina – Associação do Artesão e da Arte da Terra

A ASSART- Associação dos Artesãos e da Arte da Terra, atualmente possui em seus

registros mais de setenta (70) associados. Quando surgiu, contava com um grupo mais reduzido de dez (10) artesãos. Entretanto, daqueles restaram somente seis (6) que permanecem desde a sua fundação. Contudo outros produtores buscaram estas organizações interessados em vincular-se e disponibilizarem suas criações.

Por não possuírem um ambiente para expor o que produziam, os produtores artesanais, em 2003, os ofereciam na rua da Quitanda, no centro da cidade. Nesse momento, se organizavam apenas como um grupo de artesãos e não como uma associação. Com o apoio da prefeitura, a princípio esses trabalhadores ocuparam o porão do prédio da Secretaria de Cultura e Turismo, vindo futuramente a ocupar o lugar onde se encontram hoje, dentro de uma sala lateral, no saguão de entrada do mesmo prédio.

Essa fala, dita pela senhora Dicinéia Maria, Presidente da ASSART, explicita o que foram esses momentos:

“[...] foi um artesão ajudando o outro [...]”

Em dois de dezembro de dois mil e cinco, o grupo de artesãos se tornou a ASSART DIAMANTINA. O local possibilita que pequenos artesãos da cidade e distritos exponham seus produtos para venda. Dentre os distritos associados destacam-se os de Galheiros e Planalto de Minas que contam com outras associações dentro destas localidades, funcionamento descentralizadamente, contudo vinculadas a ASSART. A associação ainda dá suporte a produtores dos distritos de Inhaí e Senador Mourão.

A confecção dos artesanatos ocorre nos locais onde os artesãos residem. A aquisição de materiais e o investimento para a continuidade da produção dependem exclusivamente da própria renda do artesão. Segundo a presidente da ASSART

“[...] a associação já pediu uma verba para ajudar na produção dos artesanatos, mas até o momento não foi concedida [...]”

De acordo com um dos artesãos associados, presente no momento da entrevista com a presidente da ASSART, que não quis ser identificado na pesquisa:

“[...] Nossa maior dificuldade é que alguns recursos para a fabricação dos artesanatos não são encontrados em Diamantina [...]”

Os artesãos utilizam matérias-primas como jornais, revistas, argila, barro, palha, cabaça, madeira de demolição, e sempre vivas; confeccionam tapetes arraiolos, crochê, bordado a ponto cruz; utilizando técnicas que não envolvem nenhuma automação, são feitos manualmente.

Por fim, questionou-se se a associação cobra taxas aos interessados em filiar-se, sendo

informado que os artesãos pagam uma mensalidade no valor quinze reais (R\$ 15) e mais dez por cento (10%) que incide sobre o valor de cada produto vendido. Os valores recebidos subsidiam gastos com a manutenção de todo o aporte necessário à ASSART.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, ora apresentada, teve como intuito elaborar o perfil dos empreendimentos do setor de artesanato, as lojas de artesanato, da área central da cidade de Diamantina, Minas Gerais.

Os resultados notabilizam o artesanato como ofício que faculta aos artesãos a complementação da renda familiar. Assevera-se que no Vale do Jequitinhonha esta atividade contribui economicamente para a comunidade de artesãos. Na cidade de Diamantina da mesma maneira, os artigos produzidos são difundidos à população, moradores locais ou turistas, através das lojas de artesanato ou feiras populares semanais, nas quais se vende o que é produzido em toda a região.

Ao abordar este tema, pode-se observar o quanto ainda resta a ser explorado sobre o assunto, notadamente no que diz respeito às demandas específicas para uma ótima gestão da produção artesanal e sua adequada promoção e distribuição. É preciso conhecer melhor as condições desses trabalhadores para poder propor políticas públicas que sejam efetivamente eficazes. No entanto, devido ao curto espaço de tempo disponibilizado para este projeto conjugado com a amplitude do campo de trabalho, considerou-se fundamental delimitar os objetos da análise conforme exposto previamente. Todavia, vislumbra-se a oportunidade de que novas investigações possam ocorrer sob outras perspectivas, sobrelevando outras nuances em continuidade ao propósito deste trabalho, momento onde vários pontos poderão ser aprofundados.

Com o propósito de demonstrar a credibilidade e comprometimento dos idealizadores da pesquisa com os empreendimentos que comercializam o artesanato, participantes da pesquisa, os resultados da pesquisa sistematizados em artigo, serão encaminhados aos proprietários dos estabelecimentos comerciais envolvidos como forma de agradecimento e reconhecimento ao apoio ensejado.

REFERÊNCIAS

Arte Brasil Tudo em Artesanato. Disponível em: <www.programaartebrasil.com.br/hist_artesanato/hist_arte.asp> Acesso em: 23 de agosto de 2017.

Arte no Trabalho. São Paulo: Grupo Eucatex, 1991.

Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais. Disponível em: <www.cidadeshistoricas.deminas.com.br/cidade/diamantina/arte-e-cultura> Acesso em 15 de agosto de 2017.

Coordenadoria Regional de Meio Ambiente das Bacias dos Rios Jequitinhonha e Mucuri. Disponível em: <www.diamantina.mg.gov.br/noticias/diamantina-caminha-para-a-regularizacao-do-garimpo/> Acesso em 15 de agosto de 2017.

DAMANTE, H. **Folclore brasileiro.** São Paulo/Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE/SAC, 1980.

DIGBY, S. **Export industries and handicraft production under the Sultans of Kashmir.** Indian Economic and Social History Review [S.I.], v. 44, n. 4, p. 407-423, Oct-Dec 2007

FONSECA, J. J. S. da. **Metodologia da pesquisa científica.** Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ILLUSTRATUS. **História do artesanato.** Porto Alegre: s/n, 2010. Disponível em: <<http://blogillustratus.blogspot.com.br/2010/04/historia-do-artesanato.html>>. Acesso em: 20 agosto de 2017.

MAGALHÃES, M. N. & LIMA, A. C. P. **Noções de Probabilidade e Estatística.** 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2009.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing.** 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MEGALE, N.B. **Folclore brasileiro.** 4a.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, J. P. B.; SANTOS, T. S. - **O Artesanato como elemento impulsionador no Desenvolvimento Local.** Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. 2010

OLIVEIRA, C. D. **As relações artesanais e o estímulo ao desenvolvimento local no Brasil, em Gouveia-MG e outras diferentes escalas.** Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Geografia da UFMG. Belo Horizonte. 2007.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração.** Catalão: UFG, 2011.

OLIVEIRA, S. L.. **Metodologia científica.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

PEREIRA, J. B. B. **O artesanato na cultura.** In: Biblioteca Eucatex de Cultura Brasileira.

Portal Polo Jequitinhonha; Disponível em: <<https://www2.ufmg.br/polojequitinhonha/>> O-

Vale/Sobre-o-Vale > Acesso em 23 de agosto 2017.

RAMALHO, J. *Modelando a vida e entalhando a arte: O artesanato do Vale do Jequitinhonha*. UFV, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, 2010.

RIBEIRO, E. M. *Lembranças da terra: histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. Belo Horizonte: CEDEFES, 1996. 235 p.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, L. C. *Técnicas de coleta de dados: instrumentos de coleta de dados*. Disponível em: <www.lcsantos.pro.br/arquivos/Tecnicas_de_Coleta_de_Dados>. Acesso em: 18 agosto 2017.

SANTOS, M. *Relatório: Expedição Jequitinhonha. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Escola do Legislativo*, Minas Gerais: 2004.

Serviço Nacional de Aprendizagem e Comércio - SENAC- Descubra Minas. Disponível em: <www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoPagina.aspx?cod_destino=28&cod_pgi=60715>. Acesso em 22 de agosto de 2017.

SILVA A. L, VIDAL, L. B. *O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material*. In: A Temática Indígena na Escola, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

BERNARDES,P. R; SABINO,G. F. T ;PERREIRA ,P. *Internet e mobilização social nas comunidades de Sopa, São João da Chapada e Mendanha, distritos de Diamantina-MG: uma discussão sobre limites e possibilidades:Sistematização de processos de investigação – ação de intervenção social*. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT1/GT1_RibasBernardesTomeSabino.pdf>. Acesso em: 18 agosto 2017.

VERGARA, S. Silva H. *Organizações artesanais: um sistema esquecido na teoria das organizações*. Rev Port Bras Gestão, 2007, 6(3):32-38.BRASIL, 2012, p. 11

YIN. R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3 ed., Porto Alegre:Bookman, 2005.ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. Estudos da Psicologia, n. 7, 2002, p.79-88.